

# Longe, na (in)quietude dos céus. Perto, em (multi)versos terrenos.

---

**Supernova** é um conjunto de retalhos de uma explosão estelar, onde a disputa entre o equilíbrio e o caos antevê um novo começo. Um ponto de luz antecipa-se a uma intrigante procura pelo desconhecido, num espaço onde os corpos se movem agitadamente, numa esperança de recomeço. É um espaço transcendental, hipoteticamente inacessível ao olhar humano e, por isso, também é um lugar especulativo, criado por segmentos que se (re)organizam recorrentemente num cosmos distante.

Conceptualmente centrado num evento astronómico designado como supernova, a obra de Iratxe Ansa e Igor Bacovich expõe a inquietude de corpos celestes num espaço cénico coberto por cinzas e iluminado por um conjunto de pontos de luz que buscam um novo início, para assim se voltarem a alinhar.

Um silêncio agitado antecede o clímax da cena coreográfica, que faz conviver, lado a lado, dois universos: o real e o utópico; o possível e o impossível. A pulsação luminosa, que invade esporadicamente a cena, acompanha as tensões que surgem da construção sucessiva de “correntes humanas”, que se formam corpo-em-corpo, paulatinamente, procurando encaixar-se num anseio pela perfeição. Há uma busca constante da relação com um outro corpo, numa tentativa de construir soluções para um aparente dilema anunciado.

Por seu turno, a destreza das ações corpo-a-corpo acompanham o virtuosismo técnico e a amplitude do movimento, condizente com as possíveis erupções que surgem naturalmente da força deste turbilhão astronómico. Estas conjugações dos corpos no espaço surgem através das relações de contacto estabelecidas entre eles, tateando-se entre si na busca de uma força coletiva indestrutível.

A contração e expansão do espaço são constantes, tal como a pulsão destes organismos, outrora inanimados, unidos por um propósito, que ganham vida na vibrante ambiência musical de John Adams. Uma obra musical, igualmente complexa, flui de cena em cena, acompanhando uma miríade de fenómenos. Há uma criação constante de constelações que se dilatam e comprimem à procura de uma nova vida.

Nesta zona cinzenta, entre a destruição e a (re)criação, ficará algo para trás? Será que há algo que se perde, quando tudo se transforma? Os diversos fragmentos que se unem, meticulosamente, criam pequenas formas angulares, em constante mutação, saídas de uma tal explosão luminosa que indicou o lugar da finitude. Porém, a construção de um novo lugar é, por si só, um desafio infinito. Há, assim, um constante fervilhar dos corpos, magneticamente unidos entre si, em busca da transformação.

A complexa explosão estelar instaura em palco um caos organizado, metamorfoseando diversas configurações coreográficas que sustentam as vontades coletivas, esporadicamente isoladas entre si, para a criação de algo novo, num velho-novo universo. Há pontos de fuga formados em redor do caos, que se materializam em hipóteses e gestos de tentativa e erro.

Pragmaticamente, o evento “supernova” surge da (in)certeza da continuidade do fim: uma estrela que colapsa na própria gravidade e poderá dar origem a um novo mundo, provavelmente descoberto num futuro longínquo. Ou seja, a tranquilidade dos céus e a sua invisibilidade destrutiva, além-fronteiras, é desvelada por este grande grupo de corpos vivos, que incorporam com destreza, agilidade e minúcia as qualidades que permitem expor e caracterizar o inacessível.

Aqui materializa-se o que outrora existiu nos invisíveis céus longínquos, que, inevitavelmente, se podem relacionar com a visibilidade das ações terrenas. A imperfeição na criação de algo novo surge, naturalmente, como meio para construir algo maior. O altruísmo dos corpos que se vão unindo cena após cena, procura uma força conjunta que trilha o caminho para uma possível reconstrução ou uma expectável transformação.

Contrastante com os gestos “violentos” e assertivos, tão presentes ao longo da peça, surge uma plenitude criada pelo planar dos corpos nos desafios da gravidade gélida. Daí, brotam umbilicalmente novos “duelos”, que emergem de um novelo emaranhado, tecido cuidadosamente corpo-por-corpo. Constroem-se, então, variações visuais de um corpo que se desdobra em vários, onde a repetição, o eco, a memória ou a ressonância, estabelecem o equilíbrio entre a individualidade e a coesão. Cada elemento contribui singularmente para o objetivo definido: a recriação da matéria.

A origem do desconhecido procura replicar o que existiu? O avesso à mudança inibe a vontade de transformação? Há, porventura, um deslumbramento pela novidade, em contraponto com incerteza da sua utilidade. Dar luz a uma nova vida é também contribuir para a sua construção. Passo a passo, numa incerteza constante, há um desejo maior, também ele incógnito. Entre o medo do que está por vir e a certeza de que este novo lugar será um contributo para o caminho anunciado, surgem gestos de esperança que iluminam a cena e vislumbram a prosperidade dos propósitos futuros.

Tão longe da (in)quietude dos céus, mas tão perto dos (multi)versos terrenos, **Supernova** surge da necessidade do convívio com as consequências do caos... Um caos que entrevê a esperança de novos encontros, provocados pela necessidade de renovação. Estreada no Basel Ballet Theatre, **Supernova** é o exemplo de uma obra que materializa fenómenos dificilmente acessíveis ao olhar humano, mas que em tanto se podem relacionar com os constantes desafios de (re)criação que cada um enfrentará, diariamente, na sua vida.

---

### **João Fernandes**

Professor Adjunto da Escola Superior de Dança do Instituto Politécnico de Lisboa e Investigador do Instituto de Etnomusicologia – centro de estudos em música e dança